

Bibliografia

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1996.

_____ **Filosofia da Educação**. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1996.

_____ **Filosofando, Introdução à Filosofia Moderna**. São Paulo: Moderna, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 21ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**. Goiânia: Editora do autor, 2000.

PCNs – **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio. **O que é Filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Por fim, compete destacar que as aplicações da filosofia na educação se justificam pela necessidade de questionar os currículos, as metodologias, o sistema de avaliação, os horizontes trilhados pela educação, enfim, a educação em geral; porém, é importante que esta reflexão ultrapasse o plano teórico e produza efeitos práticos, voltados para a melhoria da educação como processo, pois as discussões e reflexões se não forem acompanhadas por ações não possuem nenhum valor prático.

Conclusão

Depois de concluir as pesquisas que permitiram a elaboração deste trabalho, algumas conclusões importantes devem ser destacadas porque representam pontos de destaque desta pesquisa.

Em primeiro lugar é fundamental elucidar o papel que a filosofia sempre teve em relação à educação, porque sempre serviu de suporte para que a educação se orientasse e reorientasse, ou seja, as reflexões que a filosofia sempre promoveu em relação à educação são importantes para que a educação pudesse assumir os rumos desejados e que trilhasse na direção dos objetivos por ela pretendidos; porém, devemos admitir que nem sempre a educação deu ouvidos para as indicações da filosofia e talvez seja esta a causa principal da falta de rumos e de direção da educação que muito raramente atende aos anseios e desejos daqueles a quem se destina. Em relação à educação propriamente dita, é importante destacar que a falta de unidade em torno do seu conceito é o que a torna rica e complexa oferecendo desta forma, novos elementos para a reflexão da filosofia.

Também é importante destacar, com base no segundo capítulo, que em virtude de existir infinitos conceitos de educação, existem também várias filosofias da educação. As filosofias mais tradicionais, como foi visto, promovem uma reflexão sobre a educação com uma visão também tradicionalista de homem; porém, é preciso que valorizemos as formas mais recentes de pensar porque o apego ao tradicionalismo é o que tem nos impedido de levar a educação ao posto que lhe é permitido, ou seja, se a educação não cumpre com aquilo que é esperado dela é porque não são consideradas adequadamente as informações que são colocadas pela filosofia e isto acaba levando a um estado de comodismo prejudicial ao desenvolvimento da educação enquanto processo.

Aplicações da filosofia a educação

Com base nas exposições anteriores pode-se verificar que a educação vem assistindo a um processo de profundas transformações, enfrentando grandes desafios e delineando novos rumos e é uma reflexão filosófica da educação que nos permite chegar a este entendimento. Então, quando se pensa na educação é fundamental pensar também nas aplicações da filosofia à educação atual.

Desta forma, cabe à filosofia, entre outras coisas, examinar a concepção de homem que orienta a ação pedagógica, para que não se eduque a partir de noção abstrata de criança ou de homem em si, da mesma forma, não há como definir objetivos educacionais se não temos claros os valores que orientam nossa ação. O filósofo deve avaliar os currículos, as técnicas e os métodos a fim de julgar se são adequados ou não aos fins propostos sem cair no tecnicismo, risco inevitável sempre que os meios são supervalorizados e se conhecem as bases teóricas do agir.

Diante do avanço das ciências humanas, alguém talvez argumente que a filosofia da educação terá seu campo bastante restringido. Embora sejam importantíssimas as conquistas de outras ciências, a filosofia tem ainda tarefas bastante específicas, que não podem ser desprezadas.

A filosofia, nos dias atuais, tem função de interdisciplinaridade pela qual estabelece a ligação entre as diversas ciências e técnicas que auxiliam a pedagogia.

Tendo sempre presente o questionamento sobre o que é educação, a filosofia não permite que a pedagogia se torne dogmática nem que a educação se transforme em adestramento ou qualquer outro tipo de pseudo-educação.

Segundo Tendesco, aceitar tal perspectiva otimista seria admitir que vivemos...

“uma circunstância histórica inédita na qual as capacidades para o desenvolvimento produtivo seriam idênticos para o papel do cidadão e para o desenvolvimento social”.¹

Ou seja, admitindo tal correspondência entre as competências exigidas para o exercício da cidadania e para as atividades produtivas, recoloca-se o papel da educação como elemento de desenvolvimento social.

É importante destacar, tendo em vista tais reflexões, as considerações vindas da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, incorporadas nas determinações da Lei n.º 9394/96.

a) A educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural;

b) A educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

¹ TENDESCO – PCNs. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 2000, p. 23.

Educação da sociedade moderna

A denominada revolução informática promove mudanças radicais na área do conhecimento, que passa a ocupar um lugar central nos processos de desenvolvimento em geral. É possível afirmar que nas próximas décadas, a educação vá se transformar mais rapidamente do que em muitas outras, em função de uma nova compreensão teórica sobre o papel da escola estimulada pela incorporação das novas tecnologias.

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos e preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.

A centralidade do conhecimento nos processos de produção e organização da vida social rompe com o paradigma segundo o qual a educação seria um instrumento de conformação do futuro profissional ao mundo do trabalho. Disciplina, obediência, respeito restrito. As regras estabelecidas, condições até então necessárias para a inclusão social, na profissionalização, perdem a relevância face às novas exigências colocadas pelo desenvolvimento tecnológico e social.

A nova sociedade, decorrente da revolução tecnológica e seus desdobramentos na produção e na área de informação, apresenta características possíveis de assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. Isso ocorre na medida em que o desenvolvimento das competências cognitivas e culturais exigidas para o pleno desenvolvimento humano passa a coincidir com o que se espera na produção.

O novo paradigma emana da compreensão de que, cada vez mais, as competências desejáveis ao pleno desenvolvimento humano aproximam-se das necessárias a inserção no processo produtivo.

Além da educação formal

Como já foi mencionado anteriormente, a educação não acontece apenas dentro da escola, pois este tipo de educação abrange apenas o aspecto formal da educação. A educação acontece, também, fora da escola e com uma intensidade muito maior. Como bem destaca Brandão, "a educação existe em todos os lugares, mesmo onde não há escola, há a educação".

Nos dias atuais, esta educação, além da escola é facilitada, principalmente pelas tecnologias da informação e da comunicação. Desta forma, com os recursos que o educando possui em sua casa ou no meio social, ele tem acesso rápido à informação eficiente e eficaz e a escola não tem ainda cumprido com esta função de trabalhar as informações em tempo hábil.

Um outro fator que revela que a educação ou a instrução do educando ocorre num espaço além da escola está no fato de que na escola, lamentavelmente, ele não aprende a lidar com as tecnologias e dominá-las, este é mais um tipo de conhecimento que o aluno consegue fora da escola.

Uma reflexão para a necessidade de a escola rever, com extrema urgência, a sua posição e a sua utilidade para o aluno, pois ela necessita ser mais eficiente e eficaz. Porém, sabemos também que a escola, principalmente a pública, é carente de recursos financeiros e não consegue se equipar adequadamente, por isso é que deve explorar os recursos presentes na sociedade, procurando conciliar educação formal e educação não-formal.

Agindo assim, a escola estará orientando os alunos, tornando-os mais seletivos na busca e uso das informações.

crítica à vulgarização da pessoa, às formas estereotipadas e reducionistas de expressar a realidade, as manifestações que banalizam os afetos e brutalizam as relações pessoais.

A política da igualdade incorpora a igualdade formal; seu ponto de partida é o reconhecimento dos direitos humanos e o exercício dos direitos humanos é o exercício dos direitos e deveres da cidadania, como fundamento da preparação do educando para a vida.

A ética da identidade substitui a moralidade dos valores abstratos da era industrialista e busca a finalidade ambiciosa de conciliar o ser humano nos dois aspectos: o moral e o mundo da matéria.

Os desafios da educação no século XXI

Sintonizados com as demandas educacionais contemporâneas e com as iniciativas mais recentes que os sistemas de ensino do mundo todo vêm articulando para respondê-las, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/19), busca conciliar humanismo e tecnologia, conhecimento dos princípios científicos que presidem a produção moderna e o exercício da cidadania plena, formação ética e autonomia intelectual. Esse equilíbrio entre as finalidades personalidades e produtivas requer uma visão unificadora, um esforço tanto para superar os dualismos, quanto diversificar as oportunidades de formação.

O que se pode sentir no sistema educacional é uma convocação que oferece à criatividade e ao empenho dos sistemas e suas escolas a possibilidade de múltiplos arranjos institucionais e curriculares inovadores. É da exploração dessa possibilidade, muito mais do que do cumprimento burocrático dos mandamentos legais, que deverão nascer as diferentes formas de re-organização das nossas escolas, integradas inteiramente, diversificadas na sua forma de inserção no meio sócio-cultural, para atender a um segmento jovem infantil e jovem adulto cujos itinerários de vida serão cada vez mais imprevisíveis, mas que temos por responsabilidade balizar em marcos de maior justiça, igualdade, fraternidade e felicidade.

Tanto a Constituição Federal de 1988, quanto a LDB propõem uma educação baseada em três princípios: sensibilidade, igualdade e identidade. Pois só este tipo de educação pode contribuir para a superação dos nossos desafios.

A estética da sensibilidade não é um princípio inspirador apenas do ensino de conteúdos ou atividades diante de todas as formas de expressão, que deve estar presente no desenvolvimento do currículo e da gestão escolar. Ela não se dissocia das dimensões ética e política da educação porque quer promover a

Quando se trata de examinar as escolas e procurar identificar as causas que as impede de oferecer uma boa educação, uma série de fatores devem ser considerados: em primeiro lugar, é importante destacar que a escola tem cumprido com funções que não são efetivamente suas, como suprimir as carências afetivas, financeiras, sociais, intelectuais e emocionais que as crianças e jovens trazem de suas famílias. Em segundo lugar, é preciso considerar que os investimentos para a educação são bastante reduzidos, há poucos recursos e o seu acesso às novas tecnologias é praticamente nulo; por fim, é importante destacar que há uma desvalorização social da escola e da educação, sem precedentes.

A partir de tudo isso, é fundamental destacar que as críticas à educação atual são, em certa medida, injustas, porque se a educação não tem conseguido cumprir com aquilo que é esperado dela, é porque ela assumiu outras funções que não lhes são pertinentes.

Críticas à Educação atual

Por mais progressos que a educação tenha alcançado nos últimos anos, ela ainda continua sendo tema de inúmeros debates e alvo de constantes críticos, pois ainda não tem conseguido corresponder com as expectativas que giram em torno dela.

Em primeiro lugar, é importante destacar que aquilo que se espera da educação nos dias atuais é infinitamente superior àquilo que se esperou dela em qualquer outro período da história da educação formal. Quando analisamos a história da educação, percebemos que durante vários séculos esperava-se que a educação fosse apenas sinônimo de instrução e, com isso, ao se buscar uma educação formal, pretendia-se apenas ler e escrever.

Hoje, a educação destinada a uma sociedade globalizada deve proporcionar uma formação geral, oferecendo uma básica que permite aos educandos continuar aprendendo ao longo da vida. A educação também deve preparar o educando para ingressar e atuar criticamente dentro de um mercado de trabalho que se torna cada vez mais competitivo, a educação deve preparar para o exercício da cidadania participativa.

Porém, o que se deve considerar é que a escola, por não estar devidamente preparada, não conseguiu acompanhar todo este processo de evolução e, desta forma, encontra-se em atraso em relação aos avanços sociais, científicos e tecnológicos.

É em virtude desta incapacidade de atender aos anseios imediatos do educando que a educação tem sido alvo de várias críticas. Um outro fator que faz com que a educação receba inúmeras críticas e o seu apego excessivo ao tradicionalismo e ao tecnicismo que durante muito tempo predominaram nas escolas brasileiras.

Capítulo III: A filosofia na Educação atual

Ao contrário do que muitos imaginam, a filosofia não é apenas uma disciplina que integra o currículo de alguns cursos; pelo contrário, nos dias atuais, a filosofia possui um campo amplo de investigação e procura promover uma reflexão crítica e profunda sobre o conhecimento de todas as ciências.

Este papel da filosofia de refletir sobre os diversos saberes, se torna importantíssimo nos dias atuais quando o conhecimento passa a ser o centro da vida e da atividade humana. É neste aspecto que a filosofia se relaciona também com a educação como um processo político, pedagógico, antropológico, social e cultural.

Em relação à educação atual, a filosofia procura fazer uma análise crítica dos paradigmas educacionais, da concepção de homem que se pretende formar, das tendências e teorias educacionais que melhor atendem a sociedade atual. Enfim, a filosofia procura compreender e refletir sobre os rumos que a educação vai assumindo em função das transformações que vão acontecendo muito rapidamente e atingindo todos os campos da atividade humana.

MUITO ESPAÇO

seria passivo, recebendo de fora os elementos para a elaboração do conteúdo mental.

Dentro das teorias educacionais contemporâneas, o conhecimento não é inato nem só transmitido, não está só no sujeito nem é dado apenas pelo objeto, mas se forma e se transforma pela interação entre ambos. A criança não é passiva nem o professor transmissor de conhecimento, nem por isso o aluno não dispensa a atuação do mestre e dos companheiros com os quais interage. Mais propriamente, o conhecimento resulta de uma construção contínua, entremeada pela invenção e descoberta.

As teorias progressistas também constituem-se em teorias educacionais contemporâneas, elas surgem como a busca de outros caminhos, a partir de uma nova concepção de educação.

“Ao reconhecer que o homem está inserido em um contexto de relações sociais no qual a desigualdade é mantida, a tomada de consciência da opressão é importante justamente para orientar na direção de novas formas de ação pedagógica”.¹

Essa colocação de Aranha se justifica pelo fato de a escola se constituir como um elemento de continuidade, mas também de ruptura, na medida em que aí é possível problematizar a realidade e trabalhar as contradições sociais.

O esforço da teoria progressista se faz na direção de tornar a escola o local de socialização do conhecimento elaborado, possibilitando cada vez mais que as camadas populares tenham acesso à educação e, portanto, ao estágio atual do saber, mesmo reconhecendo os limites do empreendimento.

Aranha ainda destaca que...

“o saber necessário, sobretudo para a classe trabalhadora é o saber consciente e clareador a respeito do mundo físico e social. Para tanto, é importante que a educação doada ao povo não seja superficial e aligeirado; mas que propicie a transmissão dos conteúdos necessários para se atingir a consciência crítica a respeito das práticas sociais, por meio das quais o mundo é construído. Nesse caso, todos teriam iguais condições e oportunidades de acesso ao saber acumulado pela tradição”.²

¹ ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1996, p. 211.

² *Ibidem*, p. 212.

Teorias educacionais contemporâneas

O MESMO

À medida que a sociedade foi evoluindo, os modelos tradicionais passaram a ser alvos de constantes críticas por serem contrários aos princípios de liberdade e de autonomia individual. Surgem, então, as teorias construtivistas que representam um esforço na busca de caminhos que dêem conta da complexidade do processo de aprendizagem. Os principais representantes partem de estudos de psicologia e medicina, buscando por meio de pesquisas com crianças, a melhor compreensão desse processo.

Embora trabalhem em locais e épocas diferentes percorrendo caminhos originais é possível estabelecer entre eles algumas tendências comuns, sobretudo no que se refere aos pressupostos filosóficos subjacentes a essas teorias.

Do ponto de vista antropológico, estes teóricos contemporâneos recusam a concepção metafísica, pela qual se parte de uma natureza humana essencial e estática. Da mesma forma, superam a tendência naturalista, que atribui às ciências experimentais uma rigidez inexistente no comportamento humano livre e criador.

Nessas teorias, prevalece a orientação antropológica histórico-social, pela qual o ser humano se faz pela interação social, isto é, pelas relações com outros homens e pela sua ação sobre o mundo. Por isso, a maneira de apreender a realidade é um processo dinâmico que se expressa de formas diferentes através da história.

Do ponto de vista epistemológico, os representantes dessa tendência desenvolvem uma concepção interacionista ou construtivista do conhecimento. Para isso, superam tanto o inatismo, pelo qual o sujeito seria o pólo mais importante no processo de conhecimento, quanto o empirismo, pelo qual o sujeito

Modos mais recentes de pensar

À medida que o homem vai evoluindo, ele descobre novas formas de pensar e de conhecer, em outras palavras, ele vai descobrindo novas formas de construir seus próprios conhecimentos. "O conhecimento é o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido".¹

Esse conhecimento, essa nova forma de pensar, conhece um horizonte quase sem limite nos dias atuais. E foi o próprio pensar e a própria atitude de conhecer que o homem foi aperfeiçoando com o passar dos tempos que lhes permitiu chegar ao estágio atual, onde se ganha uma importância tão fundamental que leva várias teorias a afirmar que estamos vivendo em plena era do conhecimento.

Em relação à relevância que este assume nos dias atuais, o cientista e sociólogo Pedro Demo afirma:

"O problema social mais crônico da humanidade, nos dias de hoje, não é a fome, mas a ignorância que impede o indivíduo de criar suas próprias oportunidades e leva-o a um processo de exclusão social".²

O que Demo procura explicitar é que não consegue incorporar novas formas de pensar e não constrói e reconstrói a cada dia os seus próprios conhecimentos, não se sobressai na complexa sociedade globalizada que temos nos dias atuais.

E foi buscando, cada vez mais novas formas de pensar, que o homem descobriu que o conhecimento é limitado, que sempre há algo novo a ser construído e pensado. Esta nova forma de pensar do homem contemporâneo constitui-se no seu filosofar e, à medida que ele utiliza-se da filosofia para refletir, ele supera todo o empirismo e dogmatismo e se aproxima do ideal de homem que pensa e age segundo os princípios da racionalidade.

¹ ARANHA & MARTINS. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 1995, p. 21.

² DEMO. *Política social do conhecimento*. 2001, p. 18.

exigências aumentam com o desenvolvimento do comércio e, posteriormente, no século XX, com o início da industrialização.

Assim, além da análise da contribuição da psicologia, da sociologia e da economia, a filosofia analisa, nos dias atuais, a importância de outras ciências para a educação; esta reflexão indica que, ainda entre as ciências humanas, a antropologia, a geografia humana e a lingüística têm trazido importantes contribuições para a educação.

Quanto às demais ciências, merece destaque especial a biologia que mantém estreita ligação com a educação por meio de estudos do desenvolvimento fisiológico, da interação corpo-mente, da genética, etc.

Uma análise filosófica mais aprofundada da escola tradicional permite dizer que a institucionalização da escola surgiu sob o signo de hierarquia e da vigilância. Assim, para ser protegida a criança se submete a um sistema disciplinar paternalista, autoritário e dogmático.

Filosofias tradicionais

A escola tradicional nasceu em um mundo ainda de certa forma estável, no qual a educação se fazia com base em modelos ideais voltados para o passado, essa escola estava preocupada em transmitir a maior quantidade possível de conhecimento acumulado, valorizando, portanto, um ensino predominantemente intelectualista e livresco.

Quanto à relação professor-aluno, a educação tradicional é magistrocêntrica, isto é, centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. O mestre detém o conhecimento e o saber, bem como a autoridade, dirige o processo de ensino-aprendizagem e se apresenta ainda como um modelo a ser seguido.

Essa relação vertical, porque hierárquica, tem como consequência nos casos extremos, a passividade do aluno, reduzindo-o a simples receptor da tradição cultural. O conteúdo visa a aquisição de noções, dando-se ênfase ao esforço intelectual de assimilação dos conhecimentos. Daí derivam o caráter abstrato do saber, o verbalismo e a preocupação em transmitir o saber acumulado. O exagero desses aspectos, leva a um distanciamento com relação à vida e aos problemas cotidianos atuais.

Esta análise que a filosofia faz da educação, também pode partir da análise dos modelos econômicos que pode auxiliar nos estudos das relações entre a economia do país e os fluxos de demanda de escolarização. Neste sentido, são fecundas as análises feitas a propósito dos níveis de desenvolvimento econômicos do país, o que tem servido, inclusive para melhor compreender as contradições existentes nas regiões subdesenvolvidas.

No Brasil, por exemplo, o modelo agrário de economia, característico do primeiro período de nossa história é acompanhado por uma escola cujas

“A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente se destine”.¹

Portanto, para Durkheim, a educação satisfaz, antes de tudo, as necessidades sociais e solta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir, às quais não teria espontaneamente chegado.

¹ DURKHEIM, sociólogo francês do século XIX.

Capítulo II: As filosofias da Educação

A filosofia faz uma interpretação da educação, utilizando-se de diferentes abordagens, ou seja, cada escola filosófica ou cada corrente de pensamento demonstra uma interpretação específica da educação como fenômeno social, político e intelectual.

No século XVIII, Rousseau destaca a importância de conhecer bem aquele que se quer educar, nesta mesma linha seguem Pestalozzi e Fraebel, convencidos de que a educação se tornaria mais eficaz, com maiores chances de se formar um adulto feliz, se houvesse o desenvolvimento harmonioso e sem coações do psiquismo infantil.

A psicologia aplicada à educação contribui para esclarecer certos fenômenos a partir de experiências para avaliar questões como nível de dificuldade, ritmo de aquisição de conhecimentos, controle e distúrbio da aprendizagem, etc.

Já o desenvolvimento da sociedade amplia a compreensão da escola como grupo social complexo e da educação como processo de perpetuação e desenvolvimento da sociedade. Na passagem do século XIX para o XX, o sociólogo francês Émile Durkheim analisa pela primeira vez o caráter social da educação desenvolvendo uma abordagem científica não mais centrada no conceito, mas fato concreto da educação.

A sociologia aplicada à educação privilegia a ação descritiva e volta-se para o exame dos elementos reais, tais como a análise da inserção da escola em determinado campo de realidade, os instrumentos utilizados, o caráter das instituições escolares, a herança social, a interação entre quem recebe e quem transmite a educação e assim por diante.

sempre que os meios são supervalorizados e se desconhecem as bases teóricas do agir.

Tendo sempre presente o questionamento sobre o que é educação, a filosofia não permite que a pedagogia se torne dogmática nem que a educação se transforme em adestramento ou qualquer outro tipo de pseudo-educação.

Conceito de educação

De acordo com Aranha,

“a educação não é a simples transmissão da herança dos antepassados, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho”.¹

Evidentemente, isso ocorre de maneira variável, conforme sejam as sociedades estáveis ou dinâmicas. “Educar é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação”.²

O ato pedagógico pode, então, ser definido como uma atividade sistemática de interação entre os seres sociais, tanto no nível intrapessoal como no nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos, usando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida.

Se a filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto que se faz a partir dos problemas propostos pelo nosso existir, é inevitável que entre estes problemas estejam os que se referem a educação. Portanto, cabe ao filósofo acompanhar reflexiva e criticamente a ação pedagógica, de modo a promover a passagem de uma educação assistemática para uma educação sistematizada.

Cabe à filosofia, entre outras coisas, examinar a concepção de homem que orienta a ação pedagógica, para que não se eduque a partir da noção abstrata de “criança em si” ou de “homem em si”. Da mesma forma, não há como definir objetivos educacionais se não temos claros os valores que orientam nossa ação. O filósofo deve avaliar os currículos, as técnicas e os métodos a fim de julgar se são adequados ou não, aos fins propostos, sem cair no tecnicismo, risco inevitável

¹ ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1996, p. 50.

² LIBÃNEO. Apud. Ibidem, p. 80.

imediatamente, na qual estamos mergulhados no dia-a-dia. É a filosofia que garante o distanciamento para a avaliação dos fundamentos dos atos humanos e dos fins a que eles se destinam, levantando, conseqüentemente o problema dos valores.

A filosofia impede a estagnação que resulta do não-questionamento. Sua investigação não está alheia à ética e à política, fazendo com se confronte sempre com o poder. Daí a sua função de desvelar a ideologia, as formas pelas quais é mantida a dominação. Atentando para a etimologia do vocábulo grego correspondente à verdade.

A filosofia não oferece um corpo acabado de conhecimento nem o filósofo detém um saber que o coloca acima de todos. A filosofia se insere na história e os temas com que ela se ocupa mudam de acordo com os problemas que precisa enfrentar.

Como enfatiza Aranha:

“como seres sensíveis e racionais, estamos sempre dando sentido às coisas, isto significa que não precisamos ser filósofos profissionais para nos ocuparmos com questões filosóficas”.⁴

Costumamos chamar de “filosofia de vida” o filosofar espontâneo do homem comum, que no cotidiano é levado a momentos de parada, a fim de retomar o significado dos atos e pensamentos, para agir mais adequadamente.

A filosofia desenvolve uma reflexão de conjunto porque é globalizante, examina os problemas sob a perspectiva dada, relacionando os diversos aspectos. A filosofia além de poder examinar tudo, também visa o todo, a totalidade. Daí sua função de interdisciplinaridade, que permite estabelecer o elo entre as diversas formas do saber e do agir humanos.

⁴ Ibidem, p. 106.

filósofo é ser capaz de admirar-se. A admiração é a condição da qual deriva a capacidade de problematizar. O conhecimento filosófico não é dado pelos deuses, mas procurado pelos homens.

A filosofia entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural humana, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. Porém, isso não quer dizer de modo algum, que outros povos, tão antigos quanto os gregos, não possuem sabedoria, pois possuíam e possuem. Também não quer dizer que todos esses povos tivessem desenvolvido o pensamento e formas de conhecimento da natureza e dos seres humanos, pois desenvolveram e desenvolvem.

“Quando se diz que a filosofia é um fato grego, o que se quer dizer é que ela possui certas características, apresenta certas formas de pensar e de exprimir os pensamentos, estabelece certas concepções sobre o que sejam a realidade, o pensamento, a ação, os técnicos, que são completamente diferentes das características desenvolvidas por outros povos e outras culturas”.²

Em outras palavras, o que Chauí procura destacar é que a filosofia é um modo de pensar e exprimir os pensamentos que surgiu especificamente com os gregos e que, por razões históricas e políticas, tornou-se depois o modo de pensar e exprimir predominante da chamada cultura européia ocidental da qual, em decorrência da colonização portuguesa do Brasil, nós também participamos.

Através da filosofia, os gregos instituíram para o ocidente europeu as bases e os princípios fundamentais do que chamamos racionalidade, ciência, ética, política, técnica, arte, etc.

O mundo contemporâneo é pragmático, voltado para as coisas práticas, interessado na aplicação imediata dos conhecimentos. Por isso, a filosofia não encontra muitos adeptos, sendo freqüentemente repudiada como uma ocupação inútil.

“Contudo, a filosofia é necessário. É a filosofia que reúne o pensamento fragmentado pelas ciências e pelas demais formas de conhecimento, buscando compreender o mundo da técnica dilacerado em tantas especializações. Quer resgatar, assim, a unidade que se encontra no sentido humano do pensar e do agir”.³

Desta forma, a filosofia pode ser entendida como a reflexão filosófica que permite ao homem adquirir outra dimensão além daquela que é dada pelo agir

² Ibidem, p. 20.

³ ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *Filosofia da Educação*. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1996, p. 107.

Conceito de filosofia

A filosofia é tentativa para pensar do modo mais genérico e sistemático em tudo o que existe no universo, no todo da realidade.

Através de múltiplas complexidades, tendemos a procurar certo padrão que nos habilite a compreender a soma das coisas de que nós, como indivíduos, somos unicamente uma parcela, sem tal padrão, a experiência humana, a longo prazo, seria desprovida de significado.

"Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: O que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber".¹

Na concepção de Chauí, a filosofia indica um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, o estima, o procura e o respeita.

A filosofia surgiu na Grécia, por volta do século VI a. C. Essa filosofia nascente rejeitava as interpretações míticas que, baseadas no sobrenatural, aceitavam a interferência de agentes divinos nos fenômenos da natureza. Ao buscarem a racionalidade do universo, os filósofos dessacralizam a natureza, isto é, retiram dela a dimensão do sagrado. A filosofia surge, então, como um pensamento reflexivo que busca a definição rigorosa dos conceitos, a coerência interna do discurso, a fim de possibilitar o debate e a discussão.

A palavra filosofia é grega e é composta por duas outras: *philo* e *Sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio.

Enquanto o mundo mítico se baseia em certezas dogmáticas, a consciência filosófica introduz a perplexidade. Para Platão, a primeira virtude do

¹ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994, p. 19.

É especulativa quando procura estabelecer teorias da natureza do homem, da sociedade e do mundo. É prescritiva quando especifica os fins a que a educação deve obedecer, e os meios gerais que deve usar para atingi-los. É analítica quando esclarece enunciados especulativos e prescritivos.

Capítulo I: Filosofia e Educação

Quando a filosofia se ocupa de problemas da educação, temos a filosofia da educação ou filosofia educacional. Assim, tal como a filosofia formal procura entender a realidade como um todo, explicando-a de maneira mais genérica e sistemática, assim a filosofia educacional procura também compreender a educação em sua integridade, interpretando-a por meio de conceitos gerais que guiam a nossa escolha de objetivos e diretrizes educacionais.

Do mesmo modo que a filosofia geral coordena as descobertas e conclusões das diversas ciências, a filosofia educacional interpreta-as na medida em que as relaciona com a educação. As teorias científicas não comportam implicações educacionais diretas; não podem ser aplicadas à prática educacional sem que primeiro sejam examinadas filosoficamente.

A filosofia educacional depende da geral ou formal, na medida em que os caminhos da educação são de caráter filosófico. Desta forma, não podemos criticar a prática educacional vigente ou sugerir novas diretrizes sem tomar em consideração problemas filosóficos gerais, tais como:

- A natureza da vida boa, que é um alvo primordial da educação;
- A natureza do próprio homem, porque é ele que estamos educando;
- A natureza da sociedade, pois a educação é um processo social;
- A natureza da realidade suprema, que todo conhecimento procura penetrar.

A esse respeito, Kneller (1984, p. 13), destaca que “tal como a filosofia geral, a filosofia educacional também é especulativa, prescritiva e analítica”.¹

¹ KENELLER. Apud. LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**. Goiânia: Editora do autor, 2000, p. 13.

sobre a educação, com ênfase nas críticas que se faz em relação ao professor, da mesma forma são destacados os desafios da educação atual considerando as suas finalidades, a que ela propõe alcançar. Este capítulo também promove uma reflexão sobre a educação que ocorre fora da escola e que, nos dias atuais, é bastante facilitada, principalmente pela mídia e pela multimídia, ou seja, pelos veículos da comunicação e da informação, neste sentido, é imprescindível destacar também as principais características da educação na sociedade moderna, pois só assim se pode chegar, realmente, à compreensão das aplicações da filosofia na educação.

Introdução

Este trabalho monográfico tem a pretensão de refletir sobre a filosofia na educação atual, enfatizando seu papel, sua função e a reflexão que ela promove em relação à educação.

O primeiro capítulo procura mostrar a relação existente entre filosofia e educação, destacando que a filosofia é o conhecimento do próprio conhecimento, que ela está numa busca constante das verdades sobre a própria verdade, a filosofia aplicada à educação tem a pretensão de discutir todos os valores relacionados a esta educação. Neste sentido, é importante salientar que não há um conceito único de educação, pelo contrário, existem vários tipos de educação de forma a atender o contexto a que se destina.

O segundo capítulo reflete sobre várias filosofias da educação, ou seja, em relação às várias concepções de educação e os fins a que se destinam, de acordo com a visão que se tem de homem e de sociedade. As filosofias mais tradicionais têm uma visão de homem como um ser que não é capaz de desenvolver-se por si próprio, mas que necessita do auxílio de um professor que lhe transmita informações, mas o texto destaca as formas mais recentes de pensar, enfatizando que, com o passar do tempo, o homem passou a ser visto como um ser mais inteligente, no sentido de que pode caminhar sozinho, que é dotado de razão e que é capaz de agir e reagir de acordo com as suas próprias convicções. Já as teorias educacionais contemporâneas enfatizam a capacidade do homem de desenvolver-se permanentemente, neste aspecto aponta também para a existência de uma educação contínua, permanente, na qual o indivíduo tem a oportunidade de aprender ao longo da vida.

Por fim, o último capítulo promove uma reflexão mais profunda sobre a filosofia na educação atual, destacando alguns pontos elementares da sua reflexão

Sumário

Introdução	4
Capítulo I: Filosofia e Educação	6
Conceito de Filosofia	8
Conceito de Educação.....	11
Capítulo II: As filosofias da Educação	13
Filosofias tradicionais	15
Modos mais recentes de pensar.....	17
Teorias educacionais contemporâneas	18
Capítulo III: A filosofia na Educação atual	20
Críticas à Educação atual.....	21
Os desafios da educação no século XXI	23
Além da educação formal	25
Educação da sociedade moderna	26
Aplicações da Filosofia a Educação	28
Conclusão	29
Bibliografia	31

Adalgisa Lima de Oliveira

A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO ATUAL

Monografia apresentada no dia 5 de dezembro de 2003, como parte das exigências do Curso de Filosofia.

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos
Orientador

Helena de Fátima Araújo
Professora

Adalgisa Lima de Oliveira



A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO ATUAL

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

S - 30701

Tombo nº	8472
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
.....
Origem:	d
Data:	20.03.04

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO ATUAL

Adalgisa Lima de Oliveira

Rubiataba/2003